



## DUAS FORMAS DE AMAR NAS EXPRESSÕES DO MISTICISMO GERTRUDES VON HELFTA E MARGUERITE PORETE

Lygia de Carvalho Teixeira<sup>1</sup>

### Resumo:

Durante os séculos XIII e XIV encontram-se elementos sócio-históricos que permitem uma melhor compreensão dos papéis atribuídos a mulher dentro de uma ótica eclesiástica. No tocante a uma postura religiosa, a relação com Deus poderia ser alcançada através do hábito de monja ou da atitude laica de uma beguina. Essa pesquisa procurará tratar, a partir de uma perspectiva da História Comparada (THEML & BUSTAMANTE, 2004), baseada nos textos literários, de um aspecto das vivências espirituais de Gertrudes von Helfta (monja, século XIII) e Marguerite Porete (beguina, século XIV) com foco na **unio mystica**, conceito norteador do misticismo em terras germanófonas, em que a procura por Deus unia duas formas de experiências pessoais com o sagrado.

**Palavras-chaves:** misticismo – unio mystica – mulheres religiosas

### Abstract:

During the thirteenth and fourteenth centuries there are socio-historical elements that permit a better understanding of the roles assigned to women within an ecclesiastical perspective. With regard to a religious stance, the relationship with God could be achieved through either the habit of a nun or a secular attitude of a Beguine. This research, which is in its initial stage, seeks to address, from the perspective of the Comparative History (theml & BUSTAMANTE, 2004), based on literary texts, one aspect of the spiritual experiences of Gertrude von Helfta (nun, thirteenth century ) and Marguerite Porete (beguine, XIV century) with a focus on the unio mystica, guiding concept of mysticism in German-speaking lands, where the search for God united two forms of personal experiences with the sacred.

**Keywords:** mysticism – unio mystica – religious women

## 1. INTRODUÇÃO: A ESPIRITUALIDADE MÍSTICA NA BAIXA IDADE MÉDIA

---

<sup>1</sup> Aluna do oitavo período de Letras Português-Alemão pela UFRJ. Membro do NIELIM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média).

O século XIII foi um período bastante difícil para a população europeia, devido à pobreza considerável existente nas cidades e a má distribuição do dinheiro, concentrado na mão de poucos,

É certo que o século XIII foi um período de transformações sociais. Todavia, o desenvolvimento econômico não trouxe apenas benefícios; nesse período observamos o aumento do número de pobres. Nas cidades, inúmeros eram os que não conseguiam trabalho, bem como os que não obtinham recursos suficientes para se manter. (NASCIMENTO, 2004, p. 81).

No caso do Sacro-Império, este passava por um período sem um imperador reconhecido pela Igreja, uma figura centralizadora, sendo o poder então dividido entre reis, príncipes e nobres feudais, causando um clima de instabilidade e insegurança nos territórios a ele pertencentes. Agravando ainda mais o problema, a Europa passava por um período de ameaça com a manutenção do reino muçulmano na região da atual Espanha. Havia em toda Europa ocidental um clima de pessimismo no ar.

A população européia, de uma forma geral, encontrou refúgio na religião, pois a Igreja tornara-se um polo centralizador da vida de então. No século XIII, surge um movimento que se estende durante toda esta centúria, desdobrando-se até o início do século XIV, o misticismo<sup>2</sup>.

No entanto, como aponta Vauchez (VAUCHEZ, 1995, p.149), “um dos aspectos mais originais da espiritualidade ocidental no século XIII é, com certeza, o lugar ocupado pelas mulheres, o que constitui uma novidade”. Muitas mulheres viram na religião na busca do encontro com o Divino, na união com Jesus, uma forma de expressar sua palavra, já que viviam socialmente sob o controle do homem e da Igreja.

## **2. AS ORDENS FEMININAS NO SÉCULO XIII**

De um modo generalizante, as mulheres estavam divididas em polos opostos de exemplos: de um lado Maria, mãe de Jesus, símbolo de pureza e virgindade, e por outro lado, um exemplo negativo, Eva, a mulher pecadora que lançou o pecado no mundo. No século XIII, podemos ver que uma figura intermediária surge e insere dentro da sociedade outro exemplo, de uma mulher arrependida, pecadora, que encontra ao lado de Jesus o perdão, Maria Madalena. As mulheres casadas, viúvas, ou até mesmo

---

<sup>2</sup> Misticismo (do grego *μυστικός*, transliterado *mystikos*, "um iniciado em uma religião de mistérios") é a busca da comunhão com uma derradeira realidade, divindade, verdade espiritual ou Deus através da experiência direta ou intuitiva. (In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Misticismo>, acesso em 8 de agosto de 2012)

prostitutas veem essa mulher como uma “igual”, pois embora pecadora, encontra perdão e conforto ao lado de Cristo, como aponta o trecho a seguir:

Através dessa figura transgressora em tantos aspectos, ficava derrotado o tema, tradicional na espiritualidade monástica, da assimilação entre virgindade e perfeição: Madalena não mostrava, com seu exemplo, que a integridade física tinha menos importância, na perspectiva da santificação, do que a virgindade espiritual reconquistada pela prática da penitência? (VAUCHEZ, 1995, p. 150)

Em um postulado feminista, que defende uma nova perspectiva de uma mulher arrependida que segue Jesus Cristo como uma verdadeira apóstola, Chris Schenk defende que Maria Madalena foi “uma líder feminina que entendeu a missão de Jesus melhor do que os discípulos homens”.<sup>3</sup>

Por conseguinte, devido a entrada desse novo modelo a ser seguido, as mulheres que não tinham os hábitos de ordens passaram a se identificar mais com os preceitos do cristianismo e sua atuação cresceu muito em toda Europa, principalmente na região renana, pertencente ou não ao Sacro-Império e na atual França. Durante o século XIII, a eclosão desse movimento foi controlada, já que grande parte das mulheres vivia em mosteiros femininos, sob a ordem de algum bispo, ou seja, sob o controle masculino. No entanto, no século XIV, a participação feminina toma proporções que saem do controle da Igreja, com a entrada de leigos e pessoas que não estavam associados a nenhuma ordem.

Apesar do movimento beguinal<sup>4</sup> também estar presente no século XIII, só realmente no século XIV este último toma forma e começa a ameaçar a hegemonia hierárquica da Igreja católica. Era necessário reprimir o movimento beguinal, o qual contava com a participação de homens e mulheres (begardos e beguinias)<sup>5</sup>. Portanto, é necessário estabelecer uma diferença entre as mulheres que seguiam uma ordem e as

---

<sup>3</sup>In: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505130-mariademagdalagrandeapostoladosapostolosentrevistaespecialcomchrisshenk>, acesso em 7 de outubro de 2012

<sup>4</sup> O movimento beguinal também teve a participação de homens, chamados de begardos. Pela definição de Schwartz, beguinias “não eram nem monjas nem seculares. Viviam em residências privadas chamadas **beguinages** e levavam uma vida de pobreza e contemplação, embora não fizessem votos formais e eram livres para abandonar sua condição” (In: SELLS (2001) **apud** SCHWARTZ, 2008, p.18).

<sup>5</sup> A origem do termo beguina é imprecisa. Saskia Murk-Jansen [1998, p. 26], por exemplo, afirma que o termo pode ter vindo dos albigenses e que a palavra era empregada tanto para designar as ortodoxas quanto as mulheres heréticas que tinham uma vida similar. Já Alcuin Mens [1944, p. 409-427] defende que o nome beguina seria derivado da roupa cinza que elas geralmente usavam. André Vauchez [1995, p.121] e Jacques Le Goff [2001, p. 30] afirmam que a palavra está associada ao padre Lambert le Bègue (1177) da província belga de Brabante, que incentivou mulheres leigas a viverem na caridade, ascetismo, pobreza voluntária e castidade. (In: NASCIMENTO, 2004, p. 3)

mulheres que viviam numa vida “semi-religiosa”, chamadas usualmente de beguinias. Na definição de Vauchez (1995, p. 153), “as beguinias não pronunciavam votos, deslocavam-se livremente e podiam voltar ao mundo a qualquer momento, quando quisessem.” Ou seja, as beguinias eram livres da obediência a uma ordem monástica, podendo ser viúvas ou escolher a vida solitária e reclusa fora dos mosteiros femininos da época. Algumas beguinias viviam em casas também conhecidas como beguinarias, praticando a caridade, humildade, auxílio e conforto espiritual para as camadas populares. O ponto crucial na diferenciação entre beguinias e monjas reside no fato de que as monjas, uma vez dentro de uma ordem, não podiam sair a menos que fossem expulsas, conforme corrobora Vauchez, ao afirmar que “uma vez admitidos em uma Fraternidade, não podiam sair, exceto para entrar no convento ou no mosteiro, a menos que fossem expulsos por má conduta”. (Vauchez, 1995, p. 153)

Era melhor para a Igreja a restrição desse movimento feminino que acabou por eclodir em regiões da Europa, já que este tomara tal proporção que algumas mulheres possuíam maior entendimento da Bíblia que os homens e outras liam e escreviam nas línguas vernáculas e não no latim, possibilitando assim um maior acesso de leigos aos “mistérios” do Cristianismo, o que propiciaria novas releituras do sagrado cristão, prejudicando assim a influência dominadora da Igreja sobre a população.

Com vistas à eliminação desse perigo foi necessária a repressão ao movimento. Essa repressão ocorreu mais fortemente no século XIV:

A despeito da aceitação e crescimento da espiritualidade das leigas no período por nós estudado, verificamos que esta realidade será alterada a partir do século XIV, quando cresceu a polêmica sobre tais práticas. Este questionamento foi deflagrado na medida em que tais mulheres intensificaram suas práticas proselitistas, bem como seu envolvimento com questões teológicas. Assim, paralelamente à permissão de novas manifestações religiosas, vemos surgir um movimento de controle da religiosidade feminina por parte da Igreja. (In: NASCIMENTO, 2004, p.146)

No entanto, temos já no fim do século XIII uma prévia da repressão forte ao movimento beguinal que ocorreria no século XIV. Um primeiro caso de um processo inquisitório iniciou-se em 1290 com a publicação do livro *Le mirouer des âmes simples et anienties et qui seulement demeurent em vouloir et desir d’amour*” (O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor) de autoria de Marguerite Porete, que sofreu processo inquisitório. O conteúdo do livro e a publicação do mesmo em língua vulgar e não em latim também fizeram parte

do libelo acusatório contra ela. Foi a primeira mulher a ser queimada por heresia<sup>6</sup>, apesar de seu texto não conter tantas ideias inovadoras e subversivas<sup>7</sup>. A lírica de Porete é influenciada pela teologia negativa e por autores como Dionísio Aeropagita e Agostinho.

É importante apontar que Marguerite Porete foi uma das primeiras mulheres místicas a escrever em língua vernácula, possibilitando assim um maior entendimento não apenas dos eruditos sobre a *unio mystica*, como também dos leigos. Podemos começar, a partir do acima exposto, a entender um dos motivos da sua condenação por um grupo de homens e mulheres eruditos que seguiam uma ordem, embora o movimento não representasse uma ameaça a soberania da Igreja Católica. No entanto, quando Porete abre o espaço para um entendimento maior laico sobre o conceito que ela defendia, a própria *unio mystica* e por consequência, a teologia negativa<sup>8</sup>, sua atitude incomodou a instituição eclesiástica, porque atacava os dogmas da Igreja.

Porete foi levada a fogueira em 1310 junto com sua obra, tendo sido o primeiro caso de uma mulher “beguina”<sup>9</sup> levada a Inquisição.

### 3. MISTICISMO: PEQUENA DEFINIÇÃO

O misticismo cristão teve como principal difusor Mestre Eckhart, a partir disso é preciso fazer uma breve introdução<sup>10</sup> sobre sua vida e como sua obra afeta diretamente a *unio mystica* e as místicas analisadas neste trabalho.

Nasce Mestre Eckhart na Turíngia em Tambach em 1260 e ingressa na ordem dominicana em 1274 em Erfurt, exercendo inúmeros cargos eclesiásticos na “Alemanha”<sup>11</sup>. Em 1300 recebe um cargo importante como vigário da província de Turíngia. No entanto, decide pregar seus sermões em sua língua vernácula, o alemão, e não em latim. Vive uma época em Paris morando na mesma casa que o inquisidor de

---

<sup>6</sup> De acordo com Schwartz (2011, p. 63) é o primeiro caso de condenação por heresia na França.

<sup>7</sup> É considerada subversiva pela Igreja, no entanto “a obra de Marguerite Porete está apoiada na tradição do neoplatonismo cristão cuja referência é Agostinho.” (In: MARIANI, 2011, p. 61)

<sup>8</sup> Teologia negativa é uma teologia que tenta descrever Deus, o Divino Bem, pela negação, para falar apenas em termos daquilo que não pode ser dito sobre o ser perfeito que é Deus. (In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia\\_negativa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_negativa), acesso em 26 de julho de 2013)

<sup>9</sup> É discutível afirmar Marguerite Porete como sendo uma beguina, pois de acordo com Silvia Schwartz, “não há como afirmar com certeza que a autora tenha sido uma beguina, no sentido clássico do termo, mas é correto dizer que ela manteve ao longo da vida um ‘estilo de vida beguine, de mendicância e errância’.” (SCHWARTZ, 2008, p.30)

<sup>10</sup> Todas as informações sobre a vida de Eckhart foram retiradas do resumo “Vida sem porquê em Mestre Eckhart: Desprendimento e cotidiano” de Amanda Viana de Sousa (apud MCGINN, 2011, p. 14)

<sup>11</sup> Não se pode denominar a região em que viveu Mestre Eckhart de Alemanha, já que era ainda “Sacro Império Romano-Germânico”.

Marguerite Porete, “beguina” analisada neste trabalho, sendo influenciado por sua obra a partir de evidências e semelhanças entre as obras.

Em 1326, inicia-se um processo contra Eckhart, acusado de heresia e por propagar sua mensagem no idioma alemão.

O próprio Eckhart possui as características que Bergson<sup>12</sup> considera plenas para um místico. A temática da mística eckhartiniana é a ação, e sua vida foi coerente com o que pregava. O período que o mestre morou na Alemanha, foi um dos períodos mais turbulentos da história daquele país. Ocorriam terremotos, peste negra, enfim, crises religiosas, políticas e ideológicas. Porém Eckhart não se abalava, pois sua mística era dinâmica<sup>13</sup> e livre para atuar no mundo. O mestre foi um dos primeiros difusores da língua alemã. Além de seus sermões serem realizados em latim como era de costume, também eram feitos na língua alemã e direcionados às classes inferiores. Exerceu vários cargos como professor, vigário, prior e assumiu funções administrativas diversas. Sempre viajou por longas distâncias e fundou vários conventos de irmãos e irmãs. (SEVERINO, 2006, p.3)

Com a grande influência exercida por Mestre Eckhart no misticismo, temos um exemplo de como ele acredita que a experiência mística não é apenas de contemplação. Ela precisa estar presente no mundo em que vive, pois só assim estará vazio de si e aberto para Deus.

A mística que foi vivida por Eckhart não era aquela que expressa a experiência de êxtase, embora concorde que possa ocorrer, mas é uma mística dinâmica, cujo objetivo é a libertação dos oprimidos e o encontro com Deus em todos os momentos e ocasiões deste mundo. Eckhart acredita que este encontro com Deus se dá não somente quando estamos voltados para Deus, pois aí existe nossa vontade, e para que Deus se faça presente devemos estar vazio de nosso querer. O cotidiano é o que mais nos coloca próximos de Deus, pois enquanto estamos ocupados com nossos afazeres deixamos nossa alma vazia e disponível para que Deus entre. (SEVERINO, 2006, p. 4)

Foi influenciado pela teologia negativa de Dionísio de Aeropagita e também pela mística renana<sup>14</sup>, do mesmo modo que por Marguerite Porete. Na passagem: “*Quem não entender este discurso, não se preocupe em seu coração. Enquanto o homem não estiver à altura dessa verdade, não entenderá o discurso. Mas não deixa de ser uma verdade desvelada que veio imediatamente do seio de Deus*” (GRAM **apud** SOUSA, 2011, p. 18), podem ser depreendidas relações com as palavras de Porete, quando esta diz que apenas aqueles com brasão de nobreza poderão entender seu texto.

A *unio mystica* é o próprio encontro da alma individual com o Divino, Deus, conforme citado por Nascimento (2004, p.3):

---

<sup>12</sup> Bergson foi um filósofo francês que considera o misticismo uma oposição ao cientificismo, evolucionismo, materialismo e pragmatismo. (In: SEVERINO, 2006, p. 1)

<sup>13</sup> Religião dinâmica diz respeito a dois tipos de estruturas de religião defendidas por Bergson, a religião estática e a dinâmica. A segunda opção seria o próprio misticismo. (In: SEVERINO, 2006, p. 2)

<sup>14</sup> Movimento místico que teve maior presença na região do Reno, por isso o nome “renana”

Caroline Bynum, por exemplo, afirma que a união mística era o principal elemento da espiritualidade das beguinhas, na medida em que legitimava tal religiosidade e enfatizava Deus como acessível em íntima união e compreensível em imagens humanas.

A mística cristã é caracterizada pelo encontro, a união com Deus, e através disso pode-se perceber pontos comuns entre as místicas como Gertrudes von Helfta, Marguerite Porete e Hildegard von Bingen. Ceci Baptista (**apud** MARIANI, 2011) acredita que a mística é marcada por uma imediatez mediada<sup>15</sup>. A autora caracteriza três momentos da mística, a saber,<sup>16</sup> o primeiro é de ruptura com o mundo material, o segundo momento é o encontro no qual há os relatos e narrativas e o último momento é o da reconciliação universal.

Uma outra forma de se falar de Deus nesta fase da Idade Média é decorrente da poesia trovadoresca, já que há elementos em comum entre ambas. Pode-se observar que há uma ligação entre o caminho encontrado para falar de Deus e a poesia trovadoresca, pois é um amor que não consegue ser saciado, um amor tão profundo e incondicional. A própria Marguerite Porete em seu *Mirouer* possui uma personagem, Amor Cortês. Encontramos outras mulheres trovadoras do sagrado, como aponta Ceci Batipsta [IHU Online(2011 (ANO XI, nº385): p. 59 19/12/2011)]: “*Mulheres trovadoras de Deus: Hildegard von Bingen, Mechthild von Magdeburg, Beatriz von Nazareth, Hadewijch de Antuérpia, Marguerite Porete.*” Essas mulheres, não encontrando outros meios de expressar em narrativas seus encontros, acabam por fazê-lo através da literatura e da música, como, no caso da música, Hildegard von Bingen com 77 peças, como *Symphonia armonie celestium revelationum, Ordo virtutum, Litterae ignotae, Língua ignota*<sup>17</sup>.

#### 4. GERTRUDES VON HELFTA

---

<sup>15</sup> “Não é a substância de Deus que toma o lugar da nossa substância, mas em Cristo, a nós é comunicado um dinamismo, uma faculdade de ação, mas somos nós que agimos.” (**apud** MARIANI, 2011, p.58)

<sup>16</sup> “A tradição mística vai descrever esse processo distinguindo nele primeiramente um momento de ruptura, no qual o místico, atendendo ao chamado para transcendência, fascinado pela visão do Absoluto, começa a despojar-se de tudo que o segura atado à imanência, de tudo que nesse mundo parece oferecer segurança, de todos os seus amores e apegos, tudo se dissolve em nada. No bojo desse processo, um segundo momento é o do encontro. Esse é o momento em que se tem, testemunham as narrativas, uma espécie de sentimento de toda a realidade, a percepção de tudo em relação a esse Absoluto amoroso de onde tudo vem e para onde tudo vai. Outro momento é o da reconciliação universal, quando tudo o que se dissolveu em nada é devolvido e o místico, de posse da liberdade perfeita adquirida nesse processo, pode amar o mundo com amor incondicionado, absolutamente gratuito, amar o mundo como ele foi amado pelo Verbo Encarnado.” (**apud** MARIANI, 2011, p.58)

<sup>17</sup> In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda de Bingen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda_de_Bingen), acesso em 23 de julho de 2013



Gertrudes von Helfta<sup>18</sup>, mais conhecida como **Die Grosse** (A Grande), nasceu na Turíngia em 6 de janeiro de 1256, tendo sido acolhida no mosteiro de Helfta em Eisleben pela Abadessa de Hackeborn. Lá recebe os ensinamentos da palavra de Deus e também uma formação literária, filosófica e musical, porém nenhum cargo relevante. No ano de 1281, a monja tem a primeira experiência mística, um encontro com Jesus. A partir daí desenvolve suas experiências ao lado de outras mulheres místicas que viveram no mosteiro, como Mechthild von Magdeburg e Mechthild von Hackeborn.

Pode-se encontrar a experiência e as visões da monja no livro *Legatus divinae pietatis*<sup>19</sup>, escrito pela própria e com o auxílio de Mechthild von Hackeborn. O *Legatus* é composto por cinco livros que se referem ao processo de libertação do corpo humano, ou seja, do egoísmo, da miséria, de todas as coisas que prendem o homem ao mundo e, a partir da libertação, a transformação da alma para se unificar com o Divino. Na obra de Gertrudes, o livro I descreve instruções para o encontro místico, composto de orações e rituais a serem seguidos:

Renovareis em seguida o sinal da cruz sobre vossa frente e vosso peito e direis: Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Ó meu Amor crucificado, dulcíssimo Jesus! Fazei o sinal de vossa cruz sobre minha frente e sobre meu coração a fim de que eu viva eternamente sob vossa proteção. Dai-me uma fé viva no cumprimento dos preceitos celestes; dilatai meu coração para que corra na estrada de vossos mandamentos; fazei que meu procedimento seja tal, que mereça tornar-me templo de Deus e morada do Espírito Santo. Amém. (HELFTA, 2003, p.122)<sup>20</sup>

No livro II é relatada a sua experiência de se entregar a Deus, sendo o capítulo composto por orações e responsos, e o tratamento de Jesus como esposo<sup>21</sup>.

Ó Amor sincero, uni-me a vós; ofereço-vos novamente minha castidade, a vós, todo encanto e doçura. Esposo cuja convivência é cheia de consolações. A vós renovo o voto de obediência; pois vosso amor paterno me seduz, vossa bondade e suavidade me atraem. (HELFTA, 2003, p. 135)

No trecho encontramos características do amor cortês presente na poesia trovadoresca<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Manteremos em nosso artigo a forma original em médio-alto-alemão do nome da monja, Gertrudes von Helfta.

<sup>19</sup> Em inglês, *Herald of Divine Love* (Arauto do Amor Divino), tradução própria.

<sup>20</sup> Tradução de Úrsula Wörrigen.

<sup>21</sup> Observa-se nas místicas o tratamento de Cristo como um esposo celestial, e a partir de Bernardo Claraval o tema “matrimônio espiritual” torna-se quase obrigatório nas místicas. (In: MARIANI, 2011, p. 58). E essas mulheres, para fugir de um esposo terrestre que lhes era imposto, preferiam um esposo celestial, não aconselhado aos leigos. (VAUCHEZ, 1993, p. 154)

<sup>22</sup> Na poesia trovadoresca, há a presença de um amor idealizado e inalcançável, pelo qual a pessoa se põe em serviço do amado, como um vassalo, como se pode bem observar nas cantigas de amigo. No caso, há o amor idealizado do homem pela dama idealizado. Nas obras das místicas, encontramos Jesus como a figura idealizada e almejada. (In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trovadorismo>, acesso em 8 de novembro de 2012.)



O livro III é marcado pela consagração virginal (WÖRRIGEN, 2003, p. 66), composto de ladainhas, orações, responsos, hinos e o convite de Jesus (amor) à alma: “*Se queres pertencer-me, minha querida pomba, é preciso que tu me ames com ternura, com sabedoria e força; provarás então as consolações que te prometo.*” (HELFTA, 2003, p. 140).

O livro IV é marcado pela profissão monástica, conhecido como a consagração virginal. Gertrudes renova sua profissão religiosa, afirmando:

Quando desejardes renovar em espírito a vossa profissão, ou realizar o desejo de um grande fervor, oferecei-vos inteiramente a Deus como um sacrifício de suave fragrância,... (HELFTA, 2003, p. 159)

No livro V há a presença do exercício do amor divino, caracterizado por Úrsula Wörrigen (2003, p. 184), pois “*Não se prende a um ritual como nos exercícios anteriores. Sem dúvida, ‘A união mística’ bem poderia ser o título deste Exercício*”. Nas próprias palavras de Gertrudes:

Quando vos quiserdes ocupar com o Exercício do amor, desapegai primeiramente vosso coração de toda afeição desordenada; afastai os obstáculos e as imagens vãs. Escolhei para isto o dia e o tempo oportuno, a saber: ao menos três horas que repartireis entre a manhã, ao meio dia e a tarde. (HELFTA, 2003, p. 185)

Junto com o livro V, o livro VI tem o objetivo de ser um “mapa”, um guia do caminho para os céus:

Apresentai-vos, primeiramente, em espírito de humildade, ante a face do vosso Deus, para que vos mostre a beleza de seu rosto, e dizei: Falarei ao meu senhor, ainda que eu seja pó e cinza (Gn 18, 27). Ó meu Deus, vós cuja grandeza é infinita, e que abaixas os vossos olhos sobre o que há de mais humilde! (HELFTA, 2003, p. 209)

O último livro, VII, é formado pelas horas do dia, em laudes, prima, terça, sexta, noa, vésperas e completas. Há a preparação para a morte e o desejo de unir-se ao Divino:

Quando desejardes celebrar o dia da reparação, recolhei-vos inteiramente em vós mesmas em cada uma das sete horas desse dia. O essencial do Exercício consistirá em entreter-vos com o divino amor. Encarregá-lo-eis de ser vosso embaixador junto ao Pai das misericórdias, para aplacar a sua justiça e obter dele que se digne haurir no tesouro da Paixão de seu Filho o valor suficiente para regastar todas as vossas dívidas, até a vossa última falta por negligência. Por este meio, obtereis uma confiança tranquila sobre a maneira pela qual se realizará vosso fim, esperando que todos os vossos pecados serão plenamente perdoados. (HELFTA, 2003, p. 245)

A saúde de Gertudes von Helfta só piora conforme o passar do tempo, vindo a falecer em 17 de novembro do ano de 1301/02.

#### 4.1. Gertrudes von Helfta: contexto e exemplos

A partir da breve demonstração e divisão dos Exercícios presentes no livro de Gertrudes von Helfta, pode-se agora sucintamente exemplificar sua relação com o Divino.

A monja não só escreve um caminho para seguir o Cristo, como também se dedica a cuidar das atividades agrícolas, uma tarefa das monjas, ajudar os necessitados e também praticar a leitura “saboreada” mais conhecida como *lectio divina*<sup>23</sup>, dos ensinamentos de Deus, como se vê aqui:

Não se limitava a ler, meditar, aprofundar e saborear a Palavra de Deus. Gertrudes se esforçava por familiarizar com ela quantas pessoas lhe fosse possível atrair com sua palavra e exemplo: Todos os ensinamentos que encontrava na Escritura e que lhe pareciam serem úteis às inteligências mais fracas, traduzia-os do latim em um estilo mais simples, para que fossem melhor aproveitados pelo leitor. (WÖRRINGEN *apud* HELFTA, 2003, p. 34)

Uma das características importantes também é a humildade. Gertrudes sempre apresenta-se estando abaixo de Jesus, Todo Poderoso, e pede que ele a guie, ilumine e dela cuide, por isso precisa ser humilde de coração. Devido a isso, esta mulher sempre agradece e pede a proteção e o conforto de Jesus.

Inscrevei-me entre vosso povo adotivo como um recém-nascido, a fim de que, sendo admitida no número dos filhos da promessa, eu me sinta feliz por ter recebido pela graça o que não tinha por natureza. Tornai-me firme na fé, alegre na esperança, paciente em minhas tribulações, achando minhas delícias no vosso louvor, cheia de fervor do espírito, afeiçoada com fidelidade ao vosso serviço e a vós que sois meu Senhor, meu Deus e meu verdadeiro Rei, enfim perseverante convosco e atenta até o último dia de minha vida. (In: HELFTA, 2003, p. 129)

Nesse trecho, percebe-se que essa mulher entrega-se a Deus e quer permanecer sempre em seu serviço e abraço divinos, com o que Ele pode torná-la mais paciente, mais fiel ao Seu serviço.

## 5. VIDA E OBRA DE MARGUERITE PORETE

Torna-se necessário lembrar o ambiente em que viveu Marguerite Porete. No século XIII eclodia o movimento beguinal que lançou por toda a Europa uma nova espiritualidade, liderada principalmente pelas mulheres. Essas mulheres começaram a organizar-se em casas, comumente chamadas de *béguinages*<sup>24</sup>. Acredita-se, como anteriormente citado, que o movimento espalhou-se primeiramente nos Países Baixos, na Alemanha, Flandres, Reno e o nordeste da França.

---

<sup>23</sup> “*Lectio divina* no sentido mais genuíno da expressão: a leitura meditada e saboreada da Sagrada Escritura.” (WÖRRINGEN *apud* HELFTA, 2003, p. 32)

<sup>24</sup> SCHWARTZ, Sílvia. *A béguine e al-Shaykh* – Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn’Arabi. Juiz de Fora: UFJF/Departamento de Ciência da Religião, mar./2005, p. 23 [Tese de Doutorado]

A maioria das béguines eram mulheres de origem nobre ou de classe média que haviam renunciado aos bens e prazeres do mundo, ao casamento, e à família para levar uma vida de humildade, pobreza e castidade, ainda não que fossem recebidas como freiras em alguma ordem, mas gradualmente os béguinages se tornaram um lugar de refúgio para as mulheres pobres. (SCHWARTZ, 2005, p. 24)

Era o momento também em que as línguas vernáculas estavam se estabelecendo. A obra da beguina Mechthild von Magdeburg, *Das Fließende Licht der Gottheit*, foi a primeira obra religiosa, relatando as visões de Mechthild, em prosa na língua vernácula<sup>25</sup>, assim como a obra de Porete foi a primeira obra mística feminina escrita em francês.

Esse era, portanto, o clima vigente ao final do século XIII: ações hostis ao movimento das “mulheres religiosas pobres”, artigos contra certas béguines que, invadindo um domínio reservado ao clero, haviam traduzido a Bíblia para o francês e que, além do mais, estavam lendo comentários nas línguas vernáculas em praças públicas. A tudo isso se somava um crescente zelo contra as heresias antinomianas. (SCHWARTZ, 2005, p. 2)

Sabe-se pouco sobre sua origem. Nasceu no condado de Hainaut, norte da França. Entre 1296 e janeiro de 1306<sup>26</sup> escreveu o *Le mirouer des âmes simples et anienties et qui seulement demereurent em vouloir et desir d’amour* (O espelho das almas simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor), queimado juntamente com ela. Marguerite sofrera uma advertência do bispo de Cambrai em 1306, contudo Porete continuou a espalhar seu livro, previamente aprovado por três autoridades eclesiásticas<sup>27</sup>, embora com ressalvas<sup>28</sup> ao texto.

Porete vê-se como um “*mediant creature*”<sup>29</sup>, apesar de algumas fontes a chamarem de *béguine*, pois possui durante sua vida um estilo de mendicância e errância. De acordo com Schwartz, Porete diferencia-se das outras mulheres místicas como Mechthild von Magdeburg e Hildegard von Bingen<sup>30</sup>, pois não é uma mulher fraca, escolhida por Deus por causa de sua fraqueza. “*Além disso, em nenhum momento Marguerite Porete se*

---

<sup>25</sup> **Idem, ibidem**, p. 25

<sup>26</sup> **Idem, ibidem**, p. 31

<sup>27</sup> **Idem, ibidem**, p. 35

<sup>28</sup> “Sua preocupação dizia respeito à leitura do livro por almas mais fracas que, tentando alcançar o nível da perfeição, poderiam ser enganadas. Para o filósofo, de acordo com Porete, tais práticas só poderiam ser alcançadas por espíritos fortes e destemidos.” **In:** SCHWARTZ, Sílvia. *A béguine e al-Shaykh* – Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn’Arabi. Juiz de Fora: UFJF/Departamento de Ciência da Religião, mar./2005, p. 35 [Tese de Doutorado]

<sup>29</sup> SCHWARTZ: 1.2, p. 30

<sup>30</sup> Prefere-se deixar o nome com sua forma original germânica.

*desculpa por ser mulher e dá à sua obra a autoridade de uma nova forma de evangelho.*” (SCHWARTZ, 2005, p. 31).

Apesar de escassas informações sobre a vida de Porete, supõe-se que tenha possuído um alto grau de instrução<sup>31</sup>, por isso teria pertencido aos estamentos sociais mais nobres. No ano de 1308<sup>32</sup>, é levada a Paris sob a custódia do inquisidor dominicano Guillaume Humbert. Em Paris, Porete fica presa durante um ano e meio. Nesse período, é questionada a modificar seu texto, mas de acordo com relatos, recusa-se a cooperar. Apesar das poucas informações em torno do seu processo inquisitorial, constam algumas informações provenientes de um monge beneditino que a descreve como *pseudomulier*,

“Em torno da festa de Pentecostes aconteceu que em Paris uma certa *pseudomulier* de Hainut, Marguerite por nome, chamada de Porete, compôs um certo livro, que, pelo julgamento de todos os teólogos que cuidadosamente o examinaram, continha muitos erros e heresias, entre outros, o de que a alma aniquilada no amor de seu criador pode e deve dar à natureza o que quer que ela queira e deseje, sem culpa ou remorso de consciência – o que soa manifestamente herético.” (SELLS **apud** SCHWARTZ, 2005, 36)

Em 3 de abril de 1310<sup>33</sup>, apresenta-se a primeira deliberação contra Porete, que é entregue a autoridade secular e seu texto encaminhado para avaliação, na qual é considerado herético. Após esse evento, em 9 de maio<sup>34</sup>, é apresentada outra deliberação contra Porete, a qual, no entanto, se recusou a prestar juramento e a responder ao inquisidor. Durante o processo inquisitório, ela não mudou em nenhum momento sua opinião, seguindo fielmente o que estava escrito no *Mirouer*. No dia 1º de julho é executada a sentença de morte na fogueira, tendo sido condenada como herege relapsa<sup>35</sup>.

A recusa de Porete a modificar sua obra está diretamente ligada ao que defendia e escreveu no *Mirouer*:

Essa Alma, diz Amor, é livre, mais que livre, libérrima, abundantemente livre, em sua raiz, em seu tronco, em todos os seus ramos e em todos os frutos de seus ramos.

---

<sup>31</sup> “Diz McGinn que qualquer um que leia seu capítulo sobre a Trindade não pode deixar de apreciar o quão profundamente a autora estava fundamentada na teologia latina tradicional, especialmente em Santo Agostinho, nos cistercienses (Bernard e Guillaume) e em Richard de Saint-Victor. (MCGINN **apud** SCHWARTZ, 2005, p. 30)

<sup>32</sup> SCHWARTZ, Sílvia. *A béguine e al-Shaykh* – Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete Ibn’Arabi. Juiz de Fora: UFJF/Departamento de Ciência da Religião, mar./2005, p. 35 [Tese de Doutorado]

<sup>33</sup> **Idem, ibidem**, p. 35

<sup>34</sup> SCHWARTZ, Sílvia. *A béguine e al-Shaykh* – Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete Ibn’Arabi. Juiz de Fora: UFJF/Departamento de Ciência da Religião, mar./2005, p. 36 [Tese de Doutorado] As demais citações da tese de Sílvia Schwarz virão abreviadas no texto por SCHWARTZ, o número do capítulo e a página.

<sup>35</sup> SCHWARTZ: 1.2.1, p. 36

A herança dessa Alma é a perfeita liberdade, cada uma de suas partes tem o seu brasão de nobreza. Ela não responde a ninguém a menos que queira, se ele não é de sua linhagem; pois um nobre não se digna a responder a um vilão que o chama ou o convida ao campo de batalha. Portanto, quem chama uma tal Alma não a encontra; seus inimigos não conseguem dela nenhuma resposta. (PORETE, 2008, p. 148)

Quando o Amor diz que essa “Alma” tem linhagem nobre, seu “brasão de nobreza” não trata de uma questão social, e sim de uma aristocracia espiritual<sup>36</sup>. Nas próprias palavras de Schwartz: “Essa noção de uma elite ou hierarquia espiritual nada tem a ver com qualquer posição social.” (SCHWARTZ, 2005, p. 148).

Pode-se entender melhor o trecho acima quando a personagem, Razão pede que o Amor esclareça porque apenas as almas de linhagem nobre podem entender seu texto. Apenas Deus e as Almas já tocadas verdadeiramente pelo seu Amor podem compreender e entender as palavras do *Mirouer*.

“Eu vos direi qual é, diz Razão. Este livro diz que ninguém conhece essas Almas. Também dissestes antes que ninguém conhece essas Almas senão Deus, que está dentro de tais Almas. Também dissestes antes que ninguém pode encontrá-las ou conhecê-las, exceto aqueles que o Amor Cortês chama, mas quem quer que ache tais Almas dirá a verdade sobre isso. Assim disse esse livro anteriormente. Portanto, parece que aquelas que assim são conhecem aquelas que também são isso, se elas foram, ou se são.” (PORETE, 2008, p. 63)

Para Porete existiam “Almas nobres” que foram encaminhadas para sofrer o processo de libertação e aniquilação. No entanto, estudaremos esses temas da *béguine* mais a frente.

Apesar de toda repressão sofrida as ideias subversivas existentes no *Mirouer*, reaparecem anos mais tarde, com Mestre Eckhart, o qual apresenta as mesmas ideais defendidas por Porete no *Mirouer*.

Alguns anos depois, os 28 artigos de Eckhart, postumamente condenados na bula In Agro Dominico de 1329, pelo papa João XXII, podem ser compreendidos (ou mal-compreendidos), da mesma forma, como uma heresia do livre espírito. Suas doutrinas do “puro nada” das criaturas que por Deus “abandonam” as virtudes e as boas obras dificilmente soam diferentes das proposições extraídas para a condenação do livro de Porete.” (In: GRUNDMANN (2002) *apud* SCHWARTZ, 2005, p. 39)

## 5.1 A LÍRICA DE PORETE NO *MIROUER*

No tocante à lírica do *Mirouer*, há três personagens principais, Amor, Alma e Razão. É importante lembrar que todas as personagens são femininas. O Amor é a representação feminina de Deus, no latim **Caritas**<sup>37</sup>.

O livro descreve como a Alma deve passar por um processo de aniquilação e somente a partir desse processo de aniquilação a Alma poderá encontrar-se livre no

<sup>36</sup> In: PONDÉ (2004) *apud* SCHWARTZ, 2005, p. 148.

<sup>37</sup> “Tantos os trovadores quanto os autores místicos do século XII escolhiam personificar o amor como uma figura feminina, Caritas, com base no texto bíblico ‘Deus caritas est’ (1 João 4:8)” (*apud* SCHWARTZ, 2005, p. 101).

Amor. Sua assertiva fundamenta-se na teologia negativa<sup>38</sup>, segundo a qual que não é possível falar de Deus, porque não se pode comparar ou ao mesmo chegar perto de sua grandeza, porque Deus ultrapassa as palavras. “A Alma admite que foi tola e que se aventurou em algo que “não se pode fazer, nem dizer, nem pensar” (PORETE **apud** SCHWARTZ, 2005, p. 33.)

Outra característica forte na obra de Porete é a presença do Amor Cortês assim como nas obras de outras místicas como Gertrudes von Helfta e Mechthild von Magdeburg. Nas palavras de Schwartz (2005, p. 103),

Ainda assim, em seu diálogo duplo com a literatura sagrada e profana, Porete mistura a exegese dos textos sagrados com uma reapropriação original dos principais elementos da tradição cortês, utilizando o canto e o romance cortês para ilustrar sua definição do Amor, cuja supremacia no *Mirouer* é incontestável.

Porete inicia o livro contando a história – e pede que o conteúdo desse amor seja transferido para o Amor Divino - de uma donzela que se apaixona por um Rei, no entanto, o Rei está muito longe e distante dela, mas mesmo assim a donzela o ama.

Era uma vez uma donzela, filha de um rei de grande e nobre coração, e nobre coragem também, que vivia num reino distante. Aconteceu que essa donzela ouviu falar da grande cortesia e nobreza do rei Alexandre e logo passou a amá-lo em virtude do grande renome de sua gentileza. Contudo, essa donzela estava tão distante de seu grande senhor, em quem fixou seu amor, que não o podia ver ou ter. Estava tão inconsolável, pois nenhum amor exceto esse a satisfaria. Quando viu que esse amor longínquo, tão próximo dentro dela, estava tão distante externamente, a donzela pensou consigo mesma que poderia confortar sua melancolia imaginando alguma figura de seu amor, que continuamente teria em seu coração. Ela mandou pintar uma imagem que representava o semblante do rei que amava, a mais próxima possível daquela que se apresentava a ela em seu amor por ele e no afeto amoroso que a havia capturado. E por meio dessa imagem e de outros artificios, ela sonhava com o rei. (PORETE, 2008, p. 31)

Vós, filhos da Santa Igreja, para vos ajudar fiz este livro, a fim de que ouçais para melhor valorizar a perfeição da vida e o estado de paz ao qual a criatura pode chegar pela virtude e a caridade perfeita, a criatura a quem esse dom é dado pela Trindade toda; escutareis esse dom exposto nesse livro pelo Entendimento do Amor que responderá às perguntas da Razão. (PORETE, 2008, p. 33)

Após um primeiro momento no qual há uma explicação para a existência do livro e, assim, uma explicação do que é o Amor Divino com base no Amor Cortês, começa um longo processo em seis estágios da aniquilação da Alma.

Nessa aniquilação ontológica, a alma cai na certeza de nada saber e nada querer, de viver sem um porquê. Nesse abismo de humildade, a alma verdadeiramente aniquilada, nobre e livre perde sua própria natureza enquanto algo criado por meio da dádiva do amor divino, retornando ao abismo do ser primordial, onde não há mediação ou diferença entre ela e Deus. (SCHWARTZ, 2005, p. 32)

O primeiro estágio é uma observação dos mandamentos de Deus em sua vida. Nas palavras de Porete, “*É aquele no qual a Alma tocada por Deus por meio da graça e despojada de pecar, tem a intenção de observar em sua vida, isto é, mesmo que tenha*

*que morrer, os mandamentos de Deus, por Ele ordenados na Lei.* (PORETE, 2008, p. 188)”.  
188)”.  
188)”.

No segundo estágio, a Alma considera tudo e vai além dos pedidos de Deus.

Assim a criatura se abandona e se força por agir sob todos os conselhos dos homens, na obra de mortificação da natureza, desprezando as riquezas, as delícias e as honras, para realizar a perfeição do conselho do Evangelho, do qual Jesus Cristo é o exemplo.” (PORETE, 2008, p. 189)

O terceiro estágio é oferecer tudo ao Amado, “pois no amor não é valorizado outro dom, senão o de dar ao amado a coisa mais amada” (PORETE, 2008, p. 189). A Alma diz que este é o mais difícil dentre os primeiros estágios, já que é mais difícil derrotar, aniquilar as vontades do espírito do que derrotar as do corpo, “*Portanto, é necessário pulverizar-se, rompendo-se e suprimindo-se, para alargar o lugar onde Amor gostaria de estar, e aprisionar-se em vários estados, para liberar-se de si mesmo e alcançar seu estado.*” (PORETE, 2008, p. 190)

No quarto estágio, Porete diz que a Alma está absorvida e elevada pelo Amor, por isso encontra-se enganada pelo brilho do amor perfeito. Porete acredita que muitas místicas de seu tempo chegaram a esse grau e estagnaram, pois não percebiam que não estavam completamente aniquiladas e libertas no Amor. Destarte, diz que, após esse estágio de conforto da Alma, existem mais dois estágios a serem buscados:

Ah, não é surpreendente que tal Alma esteja enlevada, pois Gracioso Amor a torna completamente inebriada, tão inebriada que não a deixa compreender nada fora dele pela força com a qual a delicia. Consequentemente, a Alma não pode valorizar outro estado, pois o grande brilho de Amor ofuscou tão completamente a sua visão que não a deixa ver nada que não seja o seu amor. E aí que essa Alma está enganada, porque há outros dois estados que Deus dá aqui embaixo que são mais elevados e mais nobres que este. (PORETE, 2005, p. 191)

Pode-se dizer que no quinto e sexto estados vemos a entrega d’Alma a Deus, a perda da identidade, a própria aniquilação e, nesse sentido, a libertação d’Alma a partir da união com Deus que é todas as coisas e não há nada, nem pode existir nada sem Ele.

Mas essa Alma, assim pura e clarificada, não vê nem Deus, nem a si mesma, mas Deus se vê por si nela, para ela, sem ela. Deus lhe mostra que não há nada fora dele. Por isso, essa Alma não conhece senão Ele, não ama senão Ele, não louva senão Ele, pois não há nada senão dele. (PORETE, 2008, p. 194)

## 6. CONFRONTO CRÍTICO

Pelo exposto nos capítulos anteriores deste trabalho encontramos duas mulheres de séculos distintos que, no entanto, passaram pelo mesmo movimento que eclodiu na Europa durante os séculos XII e XIII. A primeira é uma mulher pertencente a uma ordem secular cisterciense, Gertrudes von Helfta, e a outra, Marguerite Porete, que não ingressou em qualquer ordem e nem pode ser chamada de beguina, mas que modificou e incomodou o modo pelo qual a relação Deus-Igreja-homem era entendida.



Como foi demonstrado, a principal característica entre as místicas era a *unio mystica*. Contudo, existem outros traços para análise, que são as virtudes “necessárias”<sup>39</sup> para seguir o caminho postulado por Jesus Cristo. O primeiro elemento a ser trabalhado será a caridade<sup>40</sup>:

Todavia, acreditamos que, de acordo com os postulados de *Imitatio Christi* e *Vita Vere Apostolica*, o amor vivenciado através da caridade era uma exigência desta sociedade em transformação e uma das premissas da religiosidade das beguinhas. [...] Na religiosidade das beguinhas a caridade era vista como uma forma de amor a Deus e ao próximo. Tais mulheres tinham a Bíblia como suporte e autoridade de seus escritos e dela retiravam os conceitos e ensinamentos referentes à caridade. (Nascimento, 2004, p. 3-4)

Temos nas obras de Gertrudes von Helfta a presença da humildade e da caridade como forma de aproximação de Deus:

Que o vosso perfeito amor, ó Cristo, seja para mim uma garantia do triunfo em qualquer tentação; ensine-me a vossa santa humildade a evitar as ciladas do inimigo; sirva-me de guia e faça-me caminhar em vossa presença na sinceridade de um coração perfeito a vossa refulgente verdade. (HELFTA, 2003, p. 121)

As místicas, além de praticarem a caridade e a humildade aos mais necessitados, praticavam jejuns voluntários, distribuição de alimentos aos pobres, uma tentativa de seguir os passos de Cristo, sofrer como Cristo sofreu e ser humilde como Ele foi.

Essas mulheres seguiam dois ideais, o da *Imitatio Christi*, vinculado a práticas ascéticas e mortificações extremas<sup>41</sup>, como aponta Vauchez (1993, p. 154):

Mas antes e a fim de chegar a isso, elas se dedicavam a práticas ascéticas e a mortificações extremas, indo às vezes até a mutilação voluntária, de modo a associar o seu corpo exaurido e às vezes martirizado ao do Cristo sofredor. Atinge-se então uma forma paroxística da *Imitatio Christi*.

Outro caminho utilizado pelas místicas foi a *Vita Vere Apostolica*, abandonando os vícios da vida terrestre e seguindo a Cristo, assim como os apóstolos o faziam.

Ao colocar em prática a *Vita Vere Apostolica*, abandonando os prazeres do mundo para seguir as pegadas de Cristo, as beguinhas vivenciavam os dois principais mandamentos cristãos. Este amor ao próximo e a Deus se manifestava nas atitudes

---

<sup>39</sup> Virtudes necessárias, pois era um elemento comum e praticamente obrigatório entre as místicas cristãs. (In: NASCIMENTO, 2004, p. 3)

<sup>40</sup> “O essencial é a caridade, única medida pela qual se avalia a perfeição. Daí a importância para o cristão e para o próprio místico de buscar, não tanto a experiência mística, porém muito mais a caridade, em sua estrutura própria, que é a de ser obediência-comunhão com o Deus de Jesus Cristo. (FIORES, **apud** NASCIMENTO, 2004, p. 4)

<sup>41</sup> Para alcançar este íntimo relacionamento espiritual essas mulheres praticavam rigoroso ascetismo, tais como mortificações voluntárias e jejuns prolongados. Práticas ascéticas de alimentação, desejo da Eucaristia e analogias entre os cinco sentidos e as experiências de amor entre Deus e a alma são comuns nos textos das beguinhas. (In: NASCIMENTO, 2004, p. 54)

de compaixão para com os necessitados de bens materiais e espirituais. (In: NASCIMENTO, 2004, p. 59)

Percebemos esse mesmo tratamento em Gertrudes: “*Então, ó meu Jesus, tornar-me-eis semelhante a vós!*” (HELFTA, 2003, p. 129). Gertrudes pede que Jesus a torne semelhante a Ele, pois Ele é o modelo a ser seguido.

Da mesma forma, nota-se nas obras das místicas o tratamento de Deus como esposo, e uma característica comum era a relação do amor cortês encontrado nos relatos. A partir de Bernardo de Claraval, o “matrimônio espiritual”<sup>42</sup> torna-se tema chave nas obras das místicas. (MARIANI, 2011, p. 58). Nas obras, Jesus é visto como amante, esposo<sup>43</sup> e pode-se entender essa relação de Cristo como esposo, a partir de “muitas mulheres daquele tempo preferiram o Esposo celeste, ao qual elas podiam unir-se pela prática da comunhão frequente”. (VAUCHEZ, 1993, p. 154). Ele tornava-se a pessoa amada na qual essas místicas confiavam e para quem abriam seus corações: “*Imprimi sobre meu coração o selo de vosso Coração, a fim de que eu viva segundo vossa vontade, e que depois deste exílio chegue a vós, sem obstáculos e cumulada de alegria.*” (HELFTA, 2003, p. 131).

Outras mulheres místicas também utilizam dessa literatura trovadoresca, como Marguerite Porete, no *Mirouer*, ao criar três personagens principais, o Amor, a Alma e a Razão, todos representados por figuras femininas.

A Autora ‘junta a linguagem do amor cortês, transformada pelas beguinhas místicas do século XIII numa linguagem de êxtase, com os paradoxos apofáticos da união mística.’” (apud SCHWARTZ, 2008, p. 23)

Outras mulheres como Hadewijch<sup>44</sup> também lançam mão de metáforas do amor cortês no relacionamento Mulher-Deus: “*Van Mierlo explica que Hadewijch usa a*

---

<sup>42</sup> “Bernardo vai tratar da união entre Deus e o homem termos de união de vontades.” (In: MARIANI, 2011, p. 58)

<sup>43</sup> “Ó Amor sincero, uni-me a vós; ofereço-vos novamente minha castidade, a vós, todo encanto e doçura. Esposo cuja convivência é cheia de consolações.” (HELFTA, p. 135)

<sup>44</sup> Nos textos de Hadewijch, Deus é representado na figura do Amor: “*Eu rogo a você pela verdadeira virtude e fidelidade que Deus é, pense continuamente na sagrada virtude que Ele é, e que Ele foi em sua maneira de agir quando Ele viveu como Homem. Oh doce amor! Agora nós estamos vivendo como homem. Agora pense sobre os nobres trabalhos aos quais estava sempre pronto a assistir todos os homens de acordo com a necessidade de cada um; e então pense sobre a doce natureza do Amor, que Ele é eternamente.*” (HADEWIJCH apud NASCIMENTO, 2004, p. 3)

palavra *Minne*<sup>45</sup> como significando Deus ou Cristo ou o divino amor.” (apud NASCIMENTO, 2004, p. 4).

Neste sentido, as práticas ascéticas eram muito frequentes entre as místicas que acreditavam que as mesmas as deixariam mais perto de Cristo, como pensa Schwartz (2005, p. 110):

Assim como o corpo ferido de Cristo tornou-se a marca da presença de Deus no mundo criado e sua redenção, as mulheres santas, com seus corpos sofredores, partilhavam o sofrimento e a redação de Cristo. Por meio de seu ascetismo corporal extremo, jejuns, flagelações e seus feitos paramísticos, entendia-se que elas não só santificavam seus próprios corpos, mas também curavam, santificavam e ajudavam os outros, particularmente homens.

Não obstante, temos em Porete uma verdadeira crítica a esse tipo de prática.

Em sua hierarquia de ascensão mística, está implícita uma crítica às formas medievais de piedade monástica – a vida de jejuns, orações, devoções, sacramentos, práticas ascéticas e martírios – que Marguerite Porete, através de Dame Amour, chama de ‘vida infeliz’” (SCHWARTZ, 2005, p. 33)

Outro ponto crítico que a diferencia das outras místicas é o descrédito que dá às visões místicas, pois, segundo Schwartz (2005, p. 31), “*Isso não ocorre no Mirouer de Marguerite Porete, que não contém nenhum recital visionário, chegando mesmo a ser hostil às visões*”. De acordo com Schwartz, Porete diferencia-se das outras mulheres místicas como Mechthild von Magdeburg e Hildegard von Bingen<sup>46</sup>, pois não é uma mulher fraca, escolhida por Deus por causa de sua fraqueza. “*Além disso, em nenhum momento Marguerite Porete se desculpa por ser mulher e dá à sua obra a autoridade de uma nova forma de evangelho.*” (SCHWARTZ, 2005, p. 31).

Quanto ao postulado da *Imitatio Christi*, que para a maioria das mulheres místicas se resumia a seguir os passos de Cristo como fossem suas apóstolas, também

requeria, pois, uma vida virtuosa já que Cristo por amor ao Pai e aos homens, praticou todas as virtudes quando viveu como Homem. As virtudes deveriam ser cultivadas por aqueles que desejavam se assemelhar ao Salvador que foi para todos um exemplo de caridade. (NASCIMENTO, 2005, p. 16)

---

<sup>45</sup> O termo *Minne* designa amor cortês em Médio Alto Alemão (*Mittelhochdeutsch*). *Minnesang* foi o gênero literário principal no século XIII. (In: <http://en.wikipedia.org/wiki/Minnesang>, acesso em 14 de outubro de 2012.)

<sup>46</sup> Prefere-se deixar o nome em sua forma original germânica.

Em Porete, a *Imitatio Christi*<sup>47</sup> diferenciava-se também um pouco da visão geral, mas ela elimina qualquer prática ascética - como já foi demonstrado – já que a alma descansa na paz através do repouso da Trindade. Para ela, a verdadeira imitação de Cristo era abandonar a vontade própria, humana e seguir apenas a vontade de Deus.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Sacro Império, a população chegou a cerca de catorze milhões de pessoas<sup>48</sup>, no entanto, a partir do fim do século XIII e início do XIV, devido à Peste Negra, o índice populacional diminuiu em toda Europa.

Períodos de frio extremo e pronunciado mau tempo agravaram ainda mais a terrível epidemia, provocando uma redução populacional de cerca de 25% nas cidades e o aumento generalizado da fome. (In: ROSENTHAL, 1997, p. 145)

Neste estado de pessimismo de medo, uma nova forma de religiosidade toma lugar, começando timidamente dentro das ordens religiosas e mosteiros, como o mosteiro de Helfta no qual viveu Gertrudes von Helfta. Posteriormente, uma outra manifestação, que eclodiu em casas beguinais até ser conhecida como o movimento beguinal, alcançou grande força no século XIII, perdendo, contudo, relevância na centúria seguinte. A Igreja, vendo que o crescimento do movimento atrapalhava seus interesses, começou a repressão ao mesmo.

A despeito da aceitação e crescimento da espiritualidade das leigas no período por nós estudado, verificamos que esta realidade será alterada a partir do século XIV, quando cresceu a polêmica sobre tais práticas. Este questionamento foi deflagrado na medida em que tais mulheres intensificaram suas práticas proselitistas, bem como seu envolvimento com questões teológicas. Assim, paralelamente à permissão de novas manifestações religiosas, vemos surgir um movimento de controle da religiosidade feminina por parte da Igreja. É neste contexto que observamos a diminuição do vigor do movimento das beguinhas, na medida em que muitas mulheres a fim de escapar às críticas lançadas sobre a religiosidade do laicato tomaram os votos numa das ordens existentes, principalmente a dos cistercienses e dominicanos. (NASCIMENTO, 2004, p. 146)

No Concílio de Colônia (1306) e no Concílio de Viena (1311 e 1312) foram condenadas pela Igreja práticas de religiosidade feitas, principalmente pelas beguinhas, claras marcas, segundo Ceci Baptista (2011, p. 60), de “uma reprovação relativa à questão do hábito que elas usam, mesmo sem serem religiosas sob a obediência de uma regra aprovada.” Há a acusação de que as místicas se perdem em “especulações

---

<sup>47</sup> In: SCHWARTZ, 2005, p. 166

<sup>48</sup> (In: ROSENTHAL, 1997, p. 145)

loucas”<sup>49</sup> sobre a Trindade e a essência divina, sobre outros dogmas, pontos de doutrina e sobre os sacramentos. Outro decreto diz respeito aos begardos, enumerando o texto oito erros de suas teses, como a intenção do homem em se comparar a perfeição de Jesus ao estado de “impecabilidade”, “estado em que não se necessita de jejum ou oração, não se teme a fraqueza da sensualidade, não se deve mais obediência à autoridade humana nem à Igreja.” (In: MARIANI, 2011, p. 60).

Dessa forma, a Igreja repreende os movimentos “semi-religiosos”<sup>50</sup> e por causa disso a maioria das beguinas e begardos submete-se as pressões feitas. De acordo com Vauchez (1993, p. 158) “Aqueles – beguinas e beguinos - que recusaram foram perseguidos ao longo de todo o século XIV, sob o nome de Irmãos e Irmãs do Livro Espírito, seita que nunca existiu.” Como já foi demonstrado, a primeira<sup>51</sup> mulher a sofrer com os movimentos de repreensão e repressão da Igreja foi Marguerite Porete, vítima de um processo inquisitório que acabou a levando à morte.

No que diz respeito às místicas é importante lembrar que a religião foi o único meio dessas mulheres expressarem suas ideais, na definição de Vauchez (1993, p. 154):

Para uma mulher do século XIII, entrar na vida religiosa, sob qualquer forma, era muitas vezes o único meio de conservar o domínio do seu corpo e afirmar a sua liberdade em relação ao grupo familiar.

Enfim, os caminhos místicos para Deus poderiam ser, em síntese, um modo pelo qual tanto religiosas confirmadas, como Gertrudes, e beguinas, como Porete, se uniriam ao seu objeto-esposo do desejo sem as amarras sociais que restringiam sua liberdade de escolha, ou seja, sua própria liberdade de essência.

## 8. Bibliografia

NASCIMENTO, Denise da Silva Menezes. *Caritas Christi e Mulieres Religiosae*. Um olhar histórico sobre a espiritualidade das beguinas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós Graduação em História Comparada, 2004. [Dissertação de Mestrado em História Comparada.]

PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem na vontade e no desejo do Amor*. Tradução de Sílvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.

---

<sup>49</sup> In: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>, acesso em 11 de outubro de 2012.

<sup>50</sup> (VAUCHEZ, 1993, p. 158)

<sup>51</sup> “A primeira a sofrer as consequências foi a beguina de Valenciennes, Marguerite Porete, que redigira, por volta de 1300, uma obra espiritual em francês, *o Espelho das almas simples e aniquiladas*”. (VAUCHEZ, 1993, p. 157)

ROSENTHAL, Erwin. “A Alemanha no mundo medieval”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *Mudanças e Rumos: o Ocidente Medieval (séculos XI-XIII)*. São Paulo: Íbis, 1997.

SCHWARTZ, Sílvia. *A béguine e al-Shaykh – Um estudo comparativo da aniquilção mística em Marguerite Porete e Ibn’Arabi*. Juiz de Fora: UFJF/Departamento de Ciência da Religião, mar./2005. [Tese de Doutorado]

SEVERINO, Marcilene Aparecida. O MISTICISMO DE HENRI BERGSON. **Existência E Arte**, São João Del-rei, v. , n. , p.01-06, 12 jan. 2006.

SOUSA, Amanda Viana De. **VIDA SEM-PORQUÊ EM MESTRE ECKHART: DESPRENDIMENTO E COTIDIANO**. 2011. 26 f. Dissertação (Pós-graduação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2011.

STAMMLER, Wolfgang **et alii**. *Die deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*. 3. ed. Berlin: de Gruyter, 1981.

WÖRRIGEN, Úrsula. *Santa Gertrudes: vida, exercícios*. Juiz de Fora: Mosteiro de Santa Cruz, 2003.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Médica ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Tradução d Lucy Magalhães – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

### **Sitiografia**

<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>, acesso em 27 de setembro de 2012

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505130>, acesso em 11 de outubro de 2012.

<http://www.Mariademagdalagrandeapostoladosapostolosentrevistaespecialcomchrisschenk>, acesso em 9 de outubro de 2012

<http://monasticmatrix.usc.edu/cartularium/article.php?textId=68>, acesso em 11 de outubro de 2012.